

Da guerra espiritual e teologia da prosperidade ao entretenimento: manifestações da cultura iurdiana na mídia¹

Hugo Wesley Oliveira Silva²

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO: O presente trabalho busca compreender como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) busca representar sua cultura no entretenimento da TV aberta. Nos é caro pensar como a IURD, através de um processo de apropriação do discurso bíblico e uso da cosmovisão da guerra espiritual e a teologia da prosperidade, configura elementos-chaves para a construção de narrativas híbridas, materializadas em filmes e telenovelas bíblicas. Tomamos como objeto de análise o filme “Os 10 mandamentos- O Filme” e a novela homônima, por acreditarmos que ele traz em sua estrutura uma interpretação bíblica à moda Iurdiana. Podemos com isso concluir que não apenas as formas basilares do culto estão presentes no entretenimento, como seus discursos acabam por (re)produzir novas formas de argumentação com Deus, levando em consideração práticas e discursos de sua época.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Universal do Reino de Deus; entretenimento; teologia da prosperidade; guerra espiritual

INTRODUÇÃO:

Lemos a realidade pelas lentes de nossa cultura, por aquilo que sabemos ou conhecemos. Não podemos ler o mundo de forma trans-histórica, nos deixamos afetar por aquilo que sabemos, vemos e sentimos, e é através daquilo que já sabemos que construímos nossa leitura daquilo que está por vir. Com os textos bíblicos não é diferente, nós os lemos levando em consideração os valores e conhecimentos de nossa época. Influenciada pela teologia da prosperidade e da guerra espiritual, a leitura bíblica feita pela Record nos apresenta a forma de compreensão da IURD sobre si e sobre o mundo³. Nos é caro pensar como o entretenimento se apropria das práticas da igreja, como aquilo que é visto no culto reflete naquilo que é representado no entretenimento, para isso primamos pela compreensão alinhada as análises desenvolvidas por Pêcheux, que nos proporciona um olhar sobre o discurso que se versa sobre as práticas históricas e suas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e religião, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação (UFPE); Especialista em Semiótica da comunicação (FAVENI); Bolsista IBPG pela Fundação de Amparo à Ciência e a Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE); e-mail- hugo.wesley2@gmail.com

³ Não queremos com isso tratar como a religião se torna um espetáculo midiático, tão pouco taxá-la como uma cosmologia de espetáculo.

materialidades, como uma estrutura simbólica, para além de uma ação discursiva sem significado aparente.

Queremos com isso trazer alguns pontos-chaves em que a leitura bíblica é feita à luz dos acontecimentos de nossa época. Nos é caro fazer apontamentos sobre essa possível articulação entre a Igreja e a mídia. É através desses apontamentos que percebemos como os roteiristas da novela e filme atualizaram a mitologia bíblica, se apropriando dela, e, ao mesmo tempo, não apenas dela, das práticas culturais da cosmovisão da Igreja também, promovendo com isso um discurso que hibridize as culturas, fazendo com que teologia da prosperidade e guerra espiritual se manifestem no entretenimento de base bíblica. Para isso é fundante que possamos compreender como mídia e religião se engendram, bem como a própria história da IURD e sua cultura, isto porque é da aparente união desses dois campos que os discursos híbridos são produzidos. Queremos com o presente trabalho responder a seguinte pergunta: Como a guerra espiritual e a teologia da prosperidade se manifestam no entretenimento?⁴

1. Mídia e religião

Se entendermos cultura assim como Raymond Williams (1979, In. CUNHA, 2007) podemos definir cultura como um projeto sempre inacabado. Em sua visão, a cultura é parte latente nos processos de produção de um modo de vida estabelecido através do contato interpessoal, tendo nas atividades intelectuais um campo privilegiado para sua análise. Em sua concepção a cultura manifesta-se acima de tudo como um processo de construção de sistemas de significados, capaz de dar sentido às práticas artísticas, jogos de linguagens, pensamento filosófico, o vestuário, a compreensão de si e dos sagrados e etc., nesse sentido a cultura, e sua produção, não se trata de uma manifestação de poder das elites sobre as classes subalternas, mas sim formas de produção de sentido para o mundo tangível e intangível.

Todavia a cultura não permanece neutra, “pura”, ela se altera, rompe ou funde-se a outras formas e manifestações culturais. A esse fenômeno Cunha (2007) chama de “hibridismo cultural”, em sua definição “o 'híbrido' não seria um elemento, mas um processo resultante do encontro/intercâmbio da periferia com o centro e da periferia com as diferentes periferias” (CUNHA, 2007, p. 22), logo, lidar com culturas híbridas é lidar

⁴ Faz-se necessário pontuar que o presente artigo é inconclusivo e parcial, pois trata-se de um recorte da dissertação de mestrado do autor. A dissertação em questão busca compreender como a IURD se apropria de narrativas seculares e religiosas para materializar seu imaginário dentro do entretenimento.

com constantes mudanças, com novos paradigmas que surgem do encontro de velhas e novas identidades, é, acima de tudo, lidar com a inconstância e o efêmero dos processos de produção e descarte das culturas e dos bens por elas produzido.

Nesse entrecruzar de culturas novas técnicas e ferramentas surgem junto a novas formas de ver, falar e sentir o mundo. As interpretações se alteram junto às memórias (PÊCHEUX, 1999 In. PATRIOTA e TURTON, 2004). Se hoje compreender o mundo ocidental sem os dispositivos de mídia é algo impensável, em um futuro próximo as leituras sobre o tempo que vivemos agora será completamente outra. A mídia e a cultura parecem unir-se em um novo cenário cultural, “a mídia deixa de ser um instrumento para ser entendida como um dos elementos que constrói a realidade social na medida em que articula ‘um novo modo de pensar’[...]” (MARTINO, 2016, p. 67). Hoje muito de nossa cultura é fruto do diálogo com as mídias, é fruto desse hibridismo sempre inacabado.

Sabemos que ser religioso não é apenas crer em algo, mas sim aceitar viver de acordo com a cosmovisão de um grupo (*Idem*, p.142). E essa cosmovisão não é estática e acabada, não compõe uma realidade trans-histórica replicável indefinidamente; com o passar do tempo, elas se alteram, se interpenetram por outros discursos e formas de pensar. As religiões e os sagrados não estariam fora desse universo marcado pela produção e consumo, pela midiatização e a cultura, pelo hibridismo e o distanciamento. Nesse sentido Sá Martino (2016) propõe um diálogo entre a mídia e a religião, em seus termos a “midiatização da religião” acaba por converter-se e é entendida como “um movimento de articulação das mídias nos processos sociais, com a conseqüente alteração de práticas e significados ‘mediados’, isto é, que ocorrem na mídia” (*Idem*, p. 36), isso porque a participação nas mídias não implica na produção de algo novo, mas sim em um diálogo entre o que já existe e o que está por vir.

Assim como argumenta Cunha (2007), Patriota (2008) e Mariano (2014), a vertente neopentecostal nasceu junto às narrativas e as performances próprias das mídias, e conseqüentemente ao espetáculo (PATRIOTA, 2008). Os cultos são televisionados, assumindo uma dinâmica própria (o televangelismo), há ainda notórios episódios onde o uso das mídias é elemento central para a disseminação da mensagem religiosa sem que necessariamente haja uma conversão do televangelismo (sendo o mais recente desses episódios as “lives”, transmissões ao vivo, promovida pelas redes sociais de pastores e igrejas em virtude do agravamento da Pandemia de Covid-19). Todavia nos debruçamos em um ramo que nos parece ser menos explorado, mas tão rico quanto, que é o campo do

entretenimento audiovisual religioso brasileiro. Em nossa concepção o entretenimento religioso audiovisual contemporâneo manifesta uma narrativa híbrida entre a mensagem religiosa e o gênero/técnica secular, busca-se através de uma estrutura já existente (as novelas e filmes) adaptar a leitura do sagrado, algo a quem Cunha (2007) chamou de “cultura gospel”.

Estudado por Cunha em “a explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil” (2007), o movimento gospel brasileiro consiste em uma ação dialética da adequação das práticas religiosas com o mercado secularizado. Em sua perspectiva o gospel é essa explosão que irrompeu na cultura popular, graças às necessidades do fiel em sentir-se aceito e em pertencer a comunidade religiosa, e ainda assim continuar a consumir bens ligados ao estilo de vida secular. Trata-se de um movimento de mimetismo das igrejas sobre as culturas seculares, ou, em outras palavras, de uma cultura híbrida.

O *gospel* é híbrido porque entrecruza aspectos da modernidade e da tradição, mas não representa um modo de vida que traz em si o novo, a criação [...], mas trata-se de um modo de vida cuja novidade é superficial, ou seja, não traz mudança de valor central. (CUNHA, 2007, p. 171)

Podemos com isso concluir que o entretenimento produzido dentro das lógicas da cultura gospel é uma “adaptação” da mensagem religiosa às plataformas disponíveis em suas conjunturas (MARIANO, 2014). Não podemos negar que vivemos em uma sociedade onde o público e o privado se mesclam, onde as redes sociais e os desejos são publicizáveis e publicáveis. A influência torna-se a poder, a participação do que outrora foi chamado de “espectador”, hoje “consumidor”, não é, nem pretende ser, passiva, ela é capaz de mudar aquilo que se é produzido, cabe ao consumidor dizer o que quer, quando quer e como quer, não há passividade nas culturas de consumo (DOMINGUES e MIRANDA, 2018). Não há, necessariamente, uma perda de sentidos do sagrado, uma profanação, em termos durkheimiano, mas sim uma adaptação aos meios disseminadores da mensagem. Com isso queremos dizer que o fiel Iurdiano não assiste às produções seculares passivamente, ele se posiciona com relação a aquilo que vê, e o faz criticamente, refletindo sobre si e sobre o mundo que percebe, ele demanda uma forma de entretenimento que o representa, que represente sua cultura e valores.

Nesse sentido o gospel, enquanto essa manifestação de representação da cultura e valores religiosos da comunidade neopentecostal, está além da música, ele engendra-se

também nas imagens, no vídeo e nos sentidos da vida midiática imagética (e porque não, em uma manifestação política). Nos interessa então olhar para o entretenimento como um reflexo dessa cultura.

2. A IURD

Fundada em 1977, por Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares (então líder da igreja) e Roberto Augusto, todos ex-membros da igreja Nova Vida, a Universal passou por constantes escândalos até chegar no que Gomes (2011) chamou de “A era das catedrais”. Dentre os escândalos estão a saída do R.R. Soares para a fundação da sua própria igreja (a Igreja Internacional da Graça de Deus), assim como a saída de Roberto Augusto para regressar à Nova Vida. Bem como a prisão de Macedo em 1992, sob acusações de lavagem de dinheiro, uso de má fé, charlatanismo, dentre outros; houve ainda a compra da Rede Record⁵, em 1989, por 45 milhões de dólares, compra essa que levantou suspeitas sobre de onde vinha esse dinheiro, e mesmo se quem estava comprando era a Igreja com os dinheiros dos fiéis, ou Macedo, com o dinheiro da Igreja (ALMEIDA, 2012). Houve ainda o emblemático episódio que ficou nacionalmente conhecido como “o chute na santa” quando o então pastor Sérgio Von Helder usou de seu espaço no programa “O despertar da fé”, em 1995, para quebrar uma imagem da padroeira nacional, Nossa Senhora Aparecida, no dia do feriado com seu nome. Não raros foram os escândalos envolvendo o nome e a imagem da Universal.

Visando desatrelar-se dessa imagem de uma igreja polêmica, Macedo, seu atual líder, voltou-se para a consolidação estética e performática de uma nova fase da igreja Universal, “a crise desencadeada nesse ano [1995] influenciou a intensificação de práticas e empreendimentos dirigidos à sua consolidação, dentre as quais [...] o planejamento da era das catedrais[...]” (GOMES, 2011, p. 33). A “era das catedrais” marca a passagem de uma Universal “clássica” para uma Universal sionista, voltada para um passado hebraico bíblico. Desse evento, Cunha (2014) e Campos (2016) cunharam o termo “judaização”. Isso porque a igreja não apenas hibridiza suas culturas com culturas ainda vivas, como também buscou recriar manifestações simbólicas de um passado bíblico judaico que já não mais existem, tal qual o templo de Salomão, vestuário e estética. A judaização é, à

⁵ Ainda hoje a compra da Record levanta polêmicas, sobre a quem ela pertence, se a igreja ou ao Bispo Edir Macedo (Almeida, 2012). Para o presente artigo entendemos que não é necessário tensionar esse campo pois, pertencendo a Igreja ou a seu líder, a cultura Iurdiana seria representada.

grosso modo, o resgate do passado bíblico do povo hebreu e judeu em sua conversão à praticas contemporâneas. Para Reinke (2018), parte desse sionismo se dá numa busca por negar o passado católico e buscar uma pureza da religião em suas narrativas bíblicas.

Na tentativa de volta a um passado que jamais deixará de ser presente, são usados elementos simbólicos, discursos e toda sorte de patuás, com o intuito de “recriar”, minimamente, feitos bíblicos pertencentes aos povos hebreus e judeus (CUNHA, 2014). Nesse sentido não estamos diante apenas de culturas híbridas, mas um resgate a um imaginário que jamais deixou de ser aquilo que já fora um dia. Estamos diante de um pensamento que volta a ser manifesto, como se esse imaginário fosse uma pintura que está sendo feita por várias culturas durante as centenas de anos que se passam entre os povos/artistas.

Esse resgate, essa volta ao que jamais deixou de ser, se dá sob os três principais pilares da cultura contemporânea da IURD: A guerra espiritual, a teologia da prosperidade e o uso das mídias. Combinando esses três elementos fundantes da cultura iurdiana, temos diante de nós aquilo que pode nos oferecer pistas sobre os processos de produção de cultura por parte da universal, bem como entendermos como a Universal representa a si.

3. Guerra Espiritual e Teologia da Prosperidade

De acordo com Mariano (2014) a guerra espiritual e a teologia da prosperidade são os pilares que sustentam a cosmologia da Universal. Enquanto uma nos oferece narrativas e ferramentas para ver, ouvir e sentir a presença sagrada/demoníaca em nossas vidas, a outra nos diz como devemos agir para que não aceitemos tal imposição sob nossos destinos. Na prática as duas se confundem, é quase impossível definir onde começa uma e acaba a outra, ambas são agentes diletos nessa empreitada que é o fazer sagrado da Igreja Universal do Reino de Deus.

Tomemos de partida a teologia da prosperidade (TP). É sob seu julgo que o consumo de bens culturais, materiais e simbólicos pode se fazer possível dentro da cosmologia da Universal e das demais igrejas neopentecostais. Rompendo com o ascetismo das igrejas pentecostais tradicionais, que pregam que o dinheiro e a posse de bens materiais podem vir a ser elementos de afastamentos do homem para com as ordens divinas. Em sua concepção basilar a TP defende que Deus ama seus filhos, e ele, como senhor dos metais e dos exércitos, quer ver seus filhos bem e, acima de tudo, prósperos. Nesse sentido não basta que o fiel seja um crente fervoroso, ele também deve ser

possuidor de riquezas, e essas riquezas devem ser ostentadas, pois, essa riqueza é uma recompensa de Deus por sua devoção e amor. Isto é, quanto mais rico for um fiel, mais próximo do gozo das graças divinas ele está, e quanto mais próximo de Deus ele estiver, mais ele será rico em bens, posses e graças.

A teologia da prosperidade, assim como o próprio movimento pentecostal, surgiu em solo norte-americano. Foi durante os anos de 1980 que “a teologia da prosperidade foi formulada por Kenneth Hagai, que a difundiu juntamente com diversos pregadores e líderes ministeriais dos EUA” (MARIANO, 2014, p. 40), chegando ao Brasil no mesmo ano e rapidamente conquistando o público que ansiava por possuírem bens de consumo (tendo em mente o contexto político dos anos 1980 e a expansão das ofertas de bens e cultura de consumo brasileira). Desde os seus primórdios a TP está associada ao mercado, ao empreendedorismo, ao fazer capital, sendo os empreendedores um dos principais focos da IURD, tendo para eles dias e cultos específicos, onde toda a estrutura do culto tem por objetivo acender a chama da prosperidade e expurgar todas as manifestações demoníacas da vida e dos bens daquele empreendedor (CAMPOS, 1995).

Não há, portanto, uma política de desvalorização do comércio e dos bens de consumo, muito pelo contrário, o crente Iurdiano é incentivado a se apoderar do consumo e de seus bens, a estar presente, a se fazer presente, na vida comercial e suas micropolíticas. Não se trata, no entanto, de pôr aquilo que se há de sagrado à venda, mas sim compreender que se há venda, só o há porque ela é de vontade de Deus, como afirma Macedo, em entrevista, “A teologia da miséria é a teologia do Diabo, a teologia da prosperidade é a teologia de Deus”⁶.

Todavia, há elementos que prejudicam o crente, forças que se opõem à vontade divina, que, ao manifestar-se, impedem a aderência das graças religiosas na vida do fiel e por consequência, o levam à falência, a problemas de saúde e familiares. E, contra essas forças, o crente deve ser bravo, combativo, jamais deve baixar a guarda, deve ser eternamente bélico. Esse fenômeno de enfrentamento das adversidades notoriamente provocados pelos agentes contrários à vontade divina é chamado de guerra espiritual (GE).

A guerra espiritual diz respeito a um mundo bélico onde as forças divinas e as forças demoníacas se enfrentam sem cessar. Para Almeida (1996), a GE nasceu antes e se

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LViRU8U0Xc>> com acesso em 01 de abril de 2021

estenderá após a morte dos homens, ela é intangível, mas suas consequências podem ser sentidas, e, graças ao livre arbítrio dos homens, somos parte dessa guerra- ao homem é dado o poder de combater, ou mesmo ajudar as forças demoníacas. Esse *Ethos* se estende para muito além do culto, ele está arraigado nas concepções de cultura e mesmo no imaginário do crente. Nesse sentido é possível ver provações como testes de fé, onde o fiel deve inquietar-se, deve fazer valer seu direito como filho de Deus e herdeiro do trono e tomar partido do mundo material e secular para impor nele sua fé e sua vontade. É sobre o mando da guerra espiritual que o fiel não deve aceitar sofrer. Muito da GE baseia-se nas histórias e nas escrituras bíblicas. Há, de certa forma, um resgate e um apreço ao passado bíblico, os heróis, profetas e messias são vistos não como agentes de um passado superado, mas como exemplos para a hoje e para o futuro, suas histórias e seus feitos repercutem e continuarão a repercutir como moldes e modelos para encarar possíveis adversidades (CUNHA, 2014). Em outras palavras podemos dizer que simbolicamente se é possível que o fiel recrie os feitos bíblicos em sua vida para expulsar os demônios que o atormentam⁷.

Ambas, GE e TP são elementos basilares presentes em quase todos os cultos da IURD. Seja nas reuniões de libertação, onde os demônios são expurgados, ou mesmo nas de prosperidade e cura, elas atuam juntas em sermões e pedidos por bênçãos (GOMES, 2011). Com uma estrutura básica de: Cura, prosperidade e depoimento (MARIANO, 2014) os cultos costumam ter momentos demarcada para cada um dos três pontos da tríade. Nas sessões de cura a GE atua com maior frequência, nas de prosperidade a TP, mas ambas são marcadas pelo depoimento, pois é nele que a cosmologia da universal toma força (ALMEIDA, 2012). É sobre o depoimento emitido pelo fiel, principalmente os fiéis socorridos naquela sessão, que se dão os engendramentos daquilo que o pastor prega a realidade concreta.

Nos testemunhos, como são chamados os depoimentos, os fiéis relatam o que vinham acontecendo em suas vidas, e como a libertação, ou mesmo o encontro com Deus, os mudou e continua mudando. Toda a cerimônia é ministrada com a leitura de trechos bíblicos selecionados e descontextualizados, não se é lido ou estudadas passagens e histórias bíblicas, isso porque a bíblia serve de suporte para a argumentação dos pastores

⁷ E aqui Mariano (2014) nos mostra que não apenas o pastor tem o poder de manifestar e exorcizar os demônios, o próprio crente o tem, se o fizer por meio de objetos e bens sagrados, ou mesmo por sua condição de fé inabalável. O crente pode tornar-se, a grosso modo, um profeta.

e obreiros (Almeida, 1996). A bíblia é antes de mais nada um exemplo, o texto sagrado onde se deve buscar inspiração.

Assim, teologia da prosperidade e guerra espiritual se misturam. É sobre a face da guerra que o crente deve encarar as adversidades de sua vida, sobre a teologia que ele deve prosperar. Ambos os sistemas se complementam e fornecem uma cosmovisão para o fiel da Universal. Contudo esse não é um fenômeno que se limita às práticas ritualísticas demarcadas pelas paredes dos templos, ela se estende para campos antes impensáveis, como o entretenimento, a moda, o turismo e a própria memória dessa comunidade. Nesse sentido, ambas, guerra espiritual e teologia da prosperidade mais que guias para uma prática em harmonia com Deus são ferramentas e modos para se ver, sentir e recriar o mundo.

4. O entretenimento iurdiano

Nenhuma leitura é feita longe da compreensão possível à sua época. Os discursos, as performances e as interpretações são feitas à luz dos fenômenos vigentes, Pêcheux deu a esse fenômeno o nome "memória discursiva", para ele os discursos não se fazem de forma trans-históricas, eles são afetados pelo tempo, pelo espaço e pelos agentes envolvidos nessa interpretação, “É justamente na memória discursiva que nasce a possibilidade de toda formação discursiva produzir e operar formulações anteriores, que já foram feitas, que já foram enunciadas.” (PATRIOTA e TURTON, 2014, p. 15). Nesse sentido podemos dizer que mesmo as passagens bíblicas estão condicionadas às leituras de sua época.

Em sua pesquisa, Gomes (2017) afirma que as novelas bíblicas da Record não apenas fazem uma leitura própria dos textos bíblicos, eles fazem adaptações de acordo com os eventos que estão acontecendo naquele momento⁸. Os dramaturgos não apenas trazem elementos contemporâneos para as narrativas bíblicas, como possuem licença poética para adicionar, retirar ou mesmo mudar eventos bíblicos para melhor compreensão do público. Tendo isso em mente não é infundado, ou mesmo calunioso, afirmar que campos como a guerra espiritual e a teologia da prosperidade estão presentes nas narrativas bíblicas traduzidas e interpretadas pela IURD/Record em seu

⁸ Um exemplo dessas influências na leitura e interpretação bíblica se deu no processo da novela “Os 10 mandamentos” (RECORD, 1015), quando um dos diretores da mega produção assumiu ser fã da série norte americana “*Game of thrones*” (2011- 2019) e buscou recriar técnicas de filmagem, enquadramento e mesmo estrutura narrativas nas cenas da novela que abordou a vida de Moisés e o êxodo do povo hebreu do Egito (GOMES, 2017)

entretenimento. Estamos diante de discursos que são afetados pelos fenômenos de sua época, e como tal, precisam situar-se no tempo e na história para serem consumidos e sacralizados.

Como já mencionado, notamos o uso do belicismo, do antigo testamento, do testemunho e da libertação presentes no culto e no entretenimento. Não raras são as peças audiovisuais compostas por essa estrutura (testemunho, belicismo e libertação). No filme “Os 10 mandamentos- O filme” (2016), nos é apresentada uma narrativa que gira em torno do testemunho de Oseias sobre as obras de Deus na vida do povo hebreu. Munido do dever régio de ser líder de um grupo bélico, o jovem hebreu fala sobre as tormentas infligidas por inimigos ao poder de Deus e da vitória divina para aqueles que a ele permaneceram fiéis. O testemunho em questão é dado como a primeira cena do filme mostrando o poder deste ato no filme, nele Oséias discursa à seus homens na noite anterior a um confronto bélico:

[...] muitos de vocês nem eram nascidos quando chegamos a esse deserto, se não sabem de onde vem, como saberão para onde estão indo? Há muitas gerações Deus fez uma promessa ao nosso povo, de que nos tornaríamos uma grande nação, tão numerosa quanto as estrelas do céu, mas não uma nação que fica dando voltas pelo deserto, ele nos prometeu uma terra que mana leite e mel! Só que essa promessa tem uma condição: temos que crer e obedecer a Sua voz.

A fala em questão está no livro Números, capítulo 13, e foi não apenas alterada, como remoldada para tornar-se compreensível ao contexto da peça midiática e aos fenômenos históricos e discursos de sua época.

Pode-se dizer que a autora está reiterando uma lógica que defende, em linhas gerais, a romantização destas histórias sedimentadas no repertório das religiões. Ficcionalizar é, assim, lançar mão de um repertório de tramas familiares e intrigas, bem como colocar estes “heróis da bíblia” em busca de realização pessoal e afetiva respeitando princípios éticos os quais contrastam com o mal facilmente identificável segundo uma narrativa maniqueísta: trata-se, enfim, do formato adotado no folhetim, presente nas minisséries e novelas desde sempre. Neste sentido, a passagem de uma “História respeitada” de raiz religiosa, que pressupõe liberdade criativa a partir do momento em que se transforma em folhetim, borra estas formas de definições estanques. Estamos, novamente, diante de um ponto de indefinição no qual o mito, o religioso, a narrativa de entretenimento de tom épico e o folhetim romântico habitam o mesmo objeto (GOMES, 2017, p. 62)

É notório durante as peças midiáticas produzidas pela IURD/Record o apreço ao antigo testamento. Desde sua primeira produção, “A história de Ester” (2010), até a mais

recente obra, “Genesis” (2021), todas as histórias buscaram recriar um passado bíblico situado no antigo testamento. Isso porque, como defende Cunha (2014), a cultura gospel das igrejas neopentecostais está marcadamente associada à ideias judaicas e hebraicas, justificadas na busca por (re)criar de um passado régio, a ideia de um Deus senhor de nações. Esse sionismo é, para Reinke (2018), marcado pelo confronto entre católicos e protestantes, que na busca por uma identidade própria e diferenciada das cosmovisões católicas reinterpretam o mundo suprimindo a história e a experiência católica e buscando na “pureza” dos textos sagrados.

Imagem 01: cartaz “os 10 mandamentos- O filme”



Fonte: Imagem reprodução Record

Em sua narrativa a IURD, assim como outras igrejas neopentecostais, defende que é preciso que haja um líder dos exércitos celestiais, bem como dos terrestres, e esse líder é ninguém menos do que Deus. É de uso corrente no cenário contemporâneo referências a Deus como Líder, Senhor dos Exércitos, Rei soberano e etc., a imagem de um Deus misericordioso presente no novo testamento, um Deus carismático e amável, parece ter dado lugar a um Deus impiedoso e bravo (CUNHA, 2014). A recompensa aos esforços e a fidelidade daqueles que seguem os preceitos divinos é a honra de tornar-se herdeiro do trono (isso porque dentro da lógica da Universal todos nós somos filhos de Deus, logo herdeiros do trono celestial, mas precisamos estar alinhados à palavra do rei para merecermos estar diante do trono). Aos fiéis lhes são concedidas benesses e graças

celestiais, dentre elas, a riqueza, o bem-estar (físico e emocional) e a prosperidade (MENESES, 2017).

Não há toa as representações Divinas dentre os homens são dadas em opulência, ouro e paramentos reais. A imagem de um Deus mendicante, pacífico, que sofre em desertos, não é condizente com uma igreja/cultura onde o consumo e os bens materiais fazem parte do culto (CUNHA, 2014). Nesse sentido busca-se representar um Deus capaz de sobrepujar não apenas um indivíduo, mas toda a vontade de um povo à sua vontade, um Deus com tamanha destreza e habilidades bélicas em apenas dez movimentos foi capaz de libertar toda uma nação de sua escravidão no Egito.

Contudo, Deus não é apenas bravo e bélico, ele é também justo e verdadeiro, cumpridor de suas promessas⁹. Uma vez liberto, o crente no Espírito Santo deverá ser recompensado por seus esforços, pois, como já dito anteriormente, Deus é senhor de abundância e de prosperidade, ele não quer ver seus filhos na miséria, a miséria, segundo Macedo, é uma teologia do Diabo¹⁰.

Se olharmos para o entretenimento vemos essa abundância e o cumprimento da palavra do Senhor quando, ainda no deserto, Deus provém suprimentos para as necessidades daqueles que nele creem. Tomemos a exemplo a passagem bíblica presente em Números 11:4-35 e adaptada pela IURD/RECORD de modo a condizer com a prosperidade daqueles que em Deus creem e a ele são fiéis. Na cena em questão após reclamarem de fome, Deus, senhor de todos os metais e da abundância, envia para os migrantes codornas para sua alimentação¹¹. Todavia, Deus cobra deles sacrifícios pessoais e fidelidade, formas de abjuração necessária para o povo hebreu sobreviver junto à Ele. Os diálogos da cena, personagens e intenções dizem respeito às interpretações de nossa época, tomando por base os textos bíblicos.

Assim como nos cultos, há uma certa linearidade nas narrativas abordadas pelo entretenimento. O sujeito crente deve estar ciente de sua situação e problemas, enfrentá-los com o auxílio de pastores (no caso do entretenimento, os profetas), exorcizar seus demônios e livrar-se de todo o mal que o afastava do Espírito Santo, e por fim ele deve prestar seu testemunho sobre as benevolências alcançadas. Seja o bezerro dourado, seja

⁹ Referência a fala do bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, em sua Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gD_C1V28EzI> com acesso em 16 de junho de 2021

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LViRU8U0Xc&t=2323s> com acesso em 16 de junho de 2021

¹¹ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/recordtvoficial/videos/1831914703556864/> com acesso em 16 de junho de 2021

um demônio, haverá figuras para testar a fé do crente. Por isso ele não deve, e não pode abaixar sua guarda, ele deve estar sempre atento a guerra espiritual que Deus e os seus queridos travam ao seu redor e deve fazer parte dessa guerra, ser um "soldado de cristo"¹², e, assim, Deus o recompensará e ele gozará da posse de bens e de riquezas que sem a presença do divino ele jamais teria conquistado. E de posse dessa riqueza ele deve mais uma vez investir contra as forças demoníacas, pois, assim como Deus o presenteou, ele pode tomar.

Imagem 02: Deus envia codornizes



Fonte: *Facebook Record Tv* oficial

Teologia da prosperidade e guerra espiritual apesar de não estarem presentes enquanto enunciados claros nas narrativas de entretenimento estão em seus interditos, se anunciam em uma estrutura de compreensão. Não queremos com isso dizer que há uma intencionalidade em marginalizar outras formas de compreensão do texto sagrado ou mesmo de excluir outras formas narrativas para o mesmo fenômeno, queremos com isso dizer que a cultura iurdiana está presente no entretenimento, ela se manifesta em seus discursos e em suas memórias, ela se faz representar nas mídias.

¹² Referência à 2 Timóteo 2, quando Deus diz a Timóteo “Quanto a você Timóteo, meu filho, fortifique-se por meio da graça que temos em Cristo Jesus. Ensine a pessoas de confiança as palavras que você me ouviu dizer diante de muitas testemunhas. Estas pessoas devem ser capazes de ensinar também a outros. Participe dos meus sofrimentos, como um bom soldado de Cristo Jesus”. Hoje o termo Soldado de Cristo está em desuso, mas foi durante muito tempo a expressão usada por evangélicos de muitas denominações e igrejas para referir-se a si a aos seus.

CONCLUSÃO:

Concluimos com essa breve explanação que não apenas os discursos religiosos se apropriaram das práticas e artifícios seculares (através do Gospel), como esse mesmo discurso está abertamente marcado pelas práticas políticas e sociais de sua época. Mesmo sua representação do passado está entrelaçada com os interditos e as memórias contidas naquela cultura, sendo sua manifestação no entretenimento uma janela privilegiada de compreensão sobre os discursos proferidos no interior das igrejas e templos. Queremos com o presente estudo traçar um esboço ainda inacabado do amplo panorama das práticas religiosas Iurdianas, como elas são afetadas e afetam os fenômenos sociopolíticos onde seus atores estão alocados.

Se hoje a teologia da prosperidade e a guerra espiritual norteiam o entretenimento, e trazem com ela seus apegos e apreços a elementos como o belicismo e o antigo testamento, não sabemos se o mesmo poderá ser dito em 10, 15 ou 25 anos. Estamos diante de contextos e causalidade únicas que permitiram tais associações possíveis, não se trata de um fenômeno que irá se repetir na história ou em outras localidades globais. Tal fenômeno é único em seu tempo e como tal merece nosso esforço em busca compreendê-lo.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Ronaldo Romulo Machado de. **A Universalização do Reino de Deus**. 1996. 127f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281592>>. com acesso em 16 de junho de 2021

_____. Negócios, poder e fé: a Universal contra a Mundial. In. **Religião no espaço público: atores e objetos**. Ari Pedro Oro; Carlos Alberto Streil; Roberto Cipriani; Emerson Giumbelli (org.). São Paulo. Terceiro nome. 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Igreja universal do reino de deus dá passos firmes em direção à total judaização**. Blog. 2016. Disponível em: <https://teologiadedeus.blogspot.com/2016/05/igreja-universal-do-reino-de-deus-da.html> com acesso em 16 de junho de 2021.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Emoção, **Magia, Ética e Racionalização; as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus**. 1995. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 1995. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17251>> com acesso em 15 de junho de 2021.

CUNHA, Magali do nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro. MauadX: instituto Mysterium. 2007.

_____. A interseção mídia religiosa e mercado e a ressignificação de signos bíblicos pelos evangélicos. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 01-23. 2014. ISSN 2317-3688. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/37688>>. Acesso em: 16 junho 2021.

DOMINGUES, Izabela; MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de ativismo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018

GOMES, Jorge H. Scola. A teledramaturgia bíblica pela tv record: sentidos e mediações a partir da produção da mensagem. **Ciências Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 19, n. 27, p. 47-71. 2017.

GOMES, Edlaine de Campos. **A Era das Catedrais. a Autenticidade em Exibição**. Garamond. 1. Ed. 2011.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo. Paulus. 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5 ed. São Paulo. Loyola. 2014.

MENESES, Jonatas Silva. **Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): institucionalização e mudanças de paradigmas**. In. REVISTA LUSÓFONA DE CIÊNCIA DAS RELIGIÕES – nº20 (2017). disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_ed1bec07458216f599e9db448abcff6d> com acesso em 16 de junho de 2021

ORO, A. P.; TADVALD, M. A Igreja Universal do Reino de Deus e a reconfiguração do espaço público religioso brasileiro. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Campinas, SP, v. 17, n. 23, p. 76–113, 2020. DOI: 10.22456/1982-2650.59917. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/12668>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira; TURTON, Alessandra Novaes. Memória discursiva: sentidos e significações nos discursos religiosos da TV. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 13-21, mar. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212004000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 junho 2021.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. **O Fenômeno do Marketing Religioso: Análise do discurso da Igreja Renascer em Cristo na mídia**. 2002. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3280>> com acesso em 16 de junho de 2021

REINKE, André Daniel. **O sionismo cristão e sua influência na cultura protestante brasileira**. Dissertação de Mestrado. EST. São Leopoldo. 2018.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. 4. Ed. São Paulo. Brasiliense. 2010.

SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. Luciano Amaral Oliveira (org.). 1. Ed. São Paulo. Parábola. 2013.